

NOVO TRATADO DA REFORMA DO ENTENDIMENTO

Por Victor Excelcius

Lisbonna, MMXXI

I.

Então, para que vivemos? Qual o valor da vida? Existe um caminho através da filosofia, tal como outros como a biografia, a biologia, a via do senso-comum? Será a finitude o critério definidor de “como se deve viver a vida”? Não nos impede de a viver essa consciência da finitude? Sim, como deve a vida ser vivida? E há algum propósito moral neste preceito da mente?

Se a ciência procura melhor a condição humana através do estudo dos discursos e comportamentos humanos, a ciência humana e social, onde inserir e como compreender a loucura e desrazão? Ao menos temos essas duas variáveis, que mais ou menos acidentalmente o homem atende e o cientista compreende. Mas, o que é feito do filósofo neste quadro de certa maneira “social”? A sociedade subsume-se à divindade, não é ela também uma totalidade das manifestações humanas? Não é o homem o centro esquecido, descentrado, da filosofia?

A viagem do espírito não será uma conquista estritamente espiritual? E o que o é não é também mental? Não precisa do homem de fugir de Si para se encontrar, sem ter de inventar a felicidade em espaços (mínimos) recorridos, recorrentes, num determinado espaço de maiores dimensões como a cidade? A cidade, de resto, é uma medina, a nosso ver.

Não é, por outro lado, a mulher (ou o homem) o Alter Ego do casal heterossexual ou homossexual? Sim, o casal é uma espécie de vertente incompatível do Ego mais ou menos solitário e nisto tudo assenta o mundo, a sua dimensão moral é levada ao extremos da consanguinidade, com ou sem dote, na dimensão nuclear da sociedade, uma microssociedade que a representa e anima. Mesmo o escritor que escreve para si é perseguido pela sombra do Outro, de que precisa para se alimentar espiritualmente (que provém na sua origem de espiritual, de espírito), em si mesmo e no Outro enquanto Si, no SI enquanto Outrem.

Assim, nos termos de uma filosofia social, há que oferecer um método à filosofia, ou seja, o método etnográfico, através do trabalho de campo etnográfico. É aí que

vemos o homem (e a mulher) em ação no seu contexto espaço-temporal. Não será, por isso preciso ir ter com as sociedade tradicional para compreender o homem, i.e., fazer filosofia sobre o homem e sua condição nos termos de uma determinação social, cultural?

E que construção é essa da sociedade que nos espera? Porque não liberalizar face ao suicídio? Veja-se o problema em termos filosofico-sociais e de autonomia do Eu. Se a sociedade ocidental conquistou a liberdade material, ela bem pode ser uma armadilha para aqueles que tendo conquistado tudo, não são felizes e daí pensam e constataam nada haver mais para conquistar, logo, gera-se um ciclo ruinoso de infelicidade que conduz às drogas, à morte por suicídio. Mas, desde que nascemos não estamos morrendo no e pelo mundo?

Depois, de outra maneira, a vida nem sempre é celebração, como querem fazer crer alguns antropólogos. Ela é também angústia, o que não quer dizer que a filosofia é obrigatoriamente angústia. Mas ela pega no Ser em decaimento e tentar compreender, em vez de levantá-lo, como que retirando dele a força para fazer uma ou outra coisa, dando-lhe o espaço, no tempo, na fímbria da virtude, para se levantar e erguer, para tornar a caminhar, pois a filosofia é antes de mais não a meta, mas o caminho, logo, felicidade, em vez de celebração nos termos do social e cultural.

II

Pretendemos recentrar o debate das ciências humanas sobre o homem, o sujeito da acção social, do discurso sobre as ciências, indiciando que se pode dotar a filosofia com o método da antropologia social, ou seja, o trabalho de campo de inquirição sobre a opinião do Outro acerca dele mesmo. Por outras palavras, trata-se de trazer de novo a maiêutica para o centro dos debates filosóficos. Isto equivale a que a filosofia considere como úteis, suas, as vocações da antropologia, arte, ciência ou meramente actividade, labor filosófico. Não só importa a opinião do sujeito, seja filósofo, mas a opinião do Outro, também, como o que costuma ser junto da antropologia e não precisa de ser primitivo. Por outro lado, o estudo da psicologia social, da etologia, da sociobiologia, faz de nós seres mais atentos ao desenrolar da vida social, entendendo as diversas vertentes de que se compõe o homem, de que é feito o humano e o modo como tanto desafia a realidade, social e física, como a ela de adextra, se adapta, para depois a transformar para seu benefício., Não quer dizer que o homem seja, segundo nos diz a religião, o rei da criação. Ele está no meio dos outros, incluindo os minerais e vegetais e não é a linguagem sonora que o torna superior, mas a capacidade de abstracção. Logo, ensejo de fazer filosofia. E, como definir Homem? Ele tem o dom de estar à partida enquadrado num contexto social, cultural. É essa pré-determinação que o define e mesmo que estava nas margens da sociedade, ele tem sempre consigo, carrega consigo, uma determinada identidade, ou seja , é id de qualquer, é “aquilo” qualquer coisa, sempre em relação ao Outro.

III

Então, o filósofo tem algum papel na sociedade? Se sim, qual? Aquele que todos os outros não querem, perdido e desviado do século? A fim de acasalar precisa de estar inserido nesse século, nos tempos que vão correndo? E que ideia particular tem a propósito do acasalar, se é que as hormonas se configuram nesse sentido? O filósofo não é, apenas, um organismo vivo com excesso de racionalização? Por isso, defendemos, o filósofo precisa de ser antropólogo, incorporar certos princípios da antropologia social, nomeadamente, ou seja, perguntar ao Outro o que ele pensa, seja primitivo ou não, para não ficar retido na Caverna todo o tempo, donde só sai para respirar e satisfazer necessidades básicas...

Conhecem a superioridade intelectual do filósofo. Mas, nem todos os filósofos são intelectuais, aliás, grande parte deles são preguiçosos e fazem depender da sua mente uma certa forma de pensamento, para não dizer que um certo número de pessoas. Então, qual o estatuto do filósofo na sociedade, do sociólogo, do antropólogo? Faz-se filosofia da ciência e muitos engenheiros ou matemáticos são filósofos sem terem feito um percurso académico no âmbito das ciências sociais e humanas. Uma ga bastante disruptiva esta...

A importância do filósofo é de qualidade intrínseca, ou seja, só o filósofo pode sentir a angústia e o desespero próprio do filósofo. Os outros, a não ser o filoantropólogos, não sentem esses sentimentos, logo, a utilidade social destes sentimentos à adstrita à condição de fazer filosofia, mais de ler, portanto, a capacidade de abstracção é uma actividade a que nem todos podem aceder e que se consegue com o tempo, com treino das mais diversas disposições do espírito humano que se estende, distende e percebe no tempo...

Porque se o Ser é importante na filosofia, o Pertencer o pode ser na antropologia e sociologia, ou seja, estamos adstritos uns aos outros e isso decide toda e qualquer empreendimento ético, também a propósito da finitude, ou seja, da contingência face ao tempo que nos pode fazer melhores pessoas, mesmo sem grande recurso à religião,

à explicação religiosa. O homem não o é sem, por outro lado, a máscara, a *persona* da sua personalidade, portanto o homem é sempre ator, seja em termos artísticos seja ator social, no plasma da paisagem humana do quotidiano do que se convencionou chamar de realidade em termos genéricos e realidade social em termos restritos.

Como, portanto, erigir uma ciência do social se o objeto de estudo está sempre em movimento, se nem mesmo a literatura ou a arte conseguem captar a imensidão do que é humano, da alma humana? Será a filosofia erguer esse edifício. Grande parte da filosofia não constrói, mas tem uma tarefa crítica. Como então compreender o homem, no deserto ou nas grandes cidades? Caberá essa tarefa à religião? A teologia é uma ciência, ciência do indivisível, do indizível?

IV

Na verdade, a questão comum em todas as relações é o poder, ou seja, o que organiza e silencia as pessoas é o poder de algo mais alto do que eles em termos de decisão, logo a religião cabe nesse âmbito. Acreditamos sempre em qualquer coisa (um totem) ou em alguém (um deus, uma autoridade) que é superior a nós, nunca inferior, pois também nós mesmos, mesmo infimamente, exercemos o poder, nem que seja face a um animal doméstico. O que é especial nos seres pouco atreitos a relações hierárquicas, de poder, que vêem a sociedade como potência e lócus de igualdade, igualitarismo, é serem mais contemplativos do que ativos ou seja, paira a sua vontade no ar antes que tomem uma decisão. Por isso não gostam de ser criticados. Normalmente, de uma maneira ou de outra, isso é uma forma de exercer poder, ou seja, eu não sou um sujeito eminentemente prático porque a praticidade gera a igualdade e o discurso filosófico gera instâncias e condições de um poder de certa maneira simbólico. Deste modo, é fácil ao filósofo, quero dizer, familiar, sentir náusea da sua existência e estar próximo de situações limite ou mesmo abusar de certos recursos, como a bebida ou o tabaco, pois ele está concentrado, está ocupado, de um mundo que não tem atores, em que ele é com sua mente, o único ator, por isso sente náusea e solidão que deixam moça na sua personalidade, na sua *persona* social e o tornam uma espécie de intocável da sociedade, ou seja “aquele que não pode ser tocado”, que se imita no comportamento e cuja opinião é respeitada, enquanto a turba está na folia ele lê e escreve tratados filosófico, de algum modo para se perpetuar a ele e à sociedade que o acolhe como pensarilho, pensador andarilho, onde o instrumento da sua percepção não são os sentidos, como em antropologia, a gastronomia e o vinho, os prazeres do sexo, mas o vício do pensar, muitas das vezes gerador de um certo complexo de inferioridade que ele sente, precisamente por não estar no reino (realm) do século, no presente, intocável e ao mesmo tempo fruto de uma sociedade, de um contexto de âmbito cultural, que ao mesmo tempo circunscreve e faz abandonar o seu sistema filosófico de pensamento.

Assim, como a vida actual é caracterizada pela máscara num contexto de peste. A máscara, no sentido antropológico. A peste, no sentido filosófico, ou seja, o que está ameaçado é a persona enquanto portador de máscara que esconde e dissimula o seu verdadeiro Eu, somos todos máscaras num contexto de uma peste que só a esfera doméstica pretende elidir ou, pelo menos disfarçar. Mas enquanto a máscara é medical, terapêutica, indica a função social da saúde, em termos de neurovisibilidade da esfera medical, médica, da sociedade, a peste evidencia o que é, provavelmente, o maior receita que o grupo nacional tem, em termos individuais e coletivos: o Juízo Final. Por isso ainda se realiza a Missa, mesmo que contando apenas com os celebrantes, os elementos do clero e o grupo de cantores. Sem assembleia, até Deus treme, porque não tem quem lhe dá existência, subsistência, proeminência, a saber, o povo.

Porque o Bom Deus é aquele que permite ser questionado na sua autoridade, como o chefe de família consentâneo com o destino dos seus filhos, das suas ovelhas, como os eleitores e cidadãos em democracia, ou seja, aferindo a manifestação dos direitos mais básicos, sejam eles animais sejam humanos, no palco das diferenças e das minorias, depurado por tanto século de filosofia e ciência.

Assim, o que o poeta reduz ao encantamento e adestramento da misticidade, o filósofo reduz à banalidade do motor do pensamento: o quotidiano, entre o deslumbramento e a pontualidade da celebração. O filósofo não vê, então, necessidade de celebrar, porque o seu êxito advém da sua ação-satisfação estendida no tempo que ele cumpre pelo seu status na vida quotidiana. Assim também, ele tempa respirar sobrenaturalidade do mergulho na cultura, pontuado o seu dia-a-dia pela espera do pensamento certo e, se escrever, da conceito e palavra certos, como se descrevesse o desfazamento das almas, quer em estertor quer em êxtase, ainda neste mundo e regressando a ele de que é testemunha. A cultura do filósofo é, então o Tempo, o tempo que ele tem para ser um poeta da ênfase da cultura e do movimento estelar dos astros e satélites de sentimento que podem habitar numa discoteca do Bairro Alto.

Assim, a esfera da praticidade é, antes de mais, a de construir, construir mundo e aumentar mundos a este mundo semi-construído, tornar doméstico o globo como nas globalizações dos Descobrimentos. Mas também é esfera de destruição, como demonstram as recentes guerrilhas pela independência em Espanha, na Catalunha e País Basco. Em termos sociais e individuais, sócio-individuais. Por outro lado, a esfera da contemplação tem que ver antes de mais com o contexto da religião, ou seja, contemplar, noutra momento da praticidade, a obra feita, ou seja, contemplar a ação em segunda mão e preparar nova ação, pelo que acção e contemplação, praticidade e teoria são apenas momentos diversos de um processo, no limiar da história e do engenho humanos. Daí a pertinência da antropologia no contexto de um

novo entendimento do Homem e do Cosmo.

E, colocando os termos de outra maneira, haverá lugar para a solidariedade entre quem faz filosofia nos tempos de hoje? A filosofia tornou-se, bem como outras ciências sociais, como justificação muitas vezes para o mal, para proteger o poder ditatorial dos media entregues sempre às mesmas pessoas, às mesmas famílias, bem como na política, no desporto em geral e no futebol em particular. Há, portanto, um discurso filosófico que, entre nós, tem que ver até com o exagero do mal, de modo a, como se diz, compreender a natureza humana em âmbito doméstico, num âmbito de possibilidades máximas que acabam por fazer adoecer os sentido e a razão pura das circunstâncias mais banais, promovendo uma sociedade do espetáculo e das românticas de pinga-amor, em vez do velho sonho do homem que quer construir casas na sua aldeia e arredores e que tem no seu ADN o mesmo que tiveram os empreendedores da revolução industrial, construir, construir, num derradeiro plano em favor da alteridade, do Outro, de entrega ao Outro das suas máximas possibilidades de viver e vencer, de singrar, de se “defender”.

VI

Como o vinho, a vida, a biografia, a existência, precisa de ser aquilatada e se temos isso, esse processo, através dos tempos em termos intergeracionais, eis a antropologia, a social e a cultural, ou seja, procura-se o elo perdido da existência humana, mas ele está mesmo debaixo dos nossos narizes, das nossas barbas, pois mesmo as gerações mais novas reconhecem certos princípios que, mais do que meramente educacionais, são culturais, têm que ver com um fundo comum que se vai transmitindo de pais para filhos, de filhos para avós, como laços que ora se fazem ora se desfazem com o uso e a domesticação do tempo num determinado espaço, num cosmo mais ou menos adequado, mais ou menos fabricado e pensado, evidentemente num contexto onde se tem de ganhar dinheiro para alimentar e preservar certos propósitos de vida nos termos da existência individual e familiar. Em tudo isto, há um tempo de vão da existência, ou seja, momentos de charco, que mais correspondem a dias e dias de melancolia e quase inatividade, porque se perdeu aquilo que de mais precioso a vida social tem, a saber, a interação e disso não pode prescindir qualquer filosofia, porque mesmo o eremita vê alguma gente. Ou já viu.

Depois, após isso, quando os cientistas sociais ou filósofos descobrirem o istmo, a ligação entre senso-comum e filosofia, muitas respostas poderão ser cabalmente dadas, ou seja, enquanto temos de um lado a maioria da população, em termos demográficos, atreita a um pensar de senso-comum, temos outra componente, os intelectuais, cuja via de compreensão da realidade é científica, erudita. Este fenómeno pode constatar-se na filologia, ou seja, na evolução da língua, como aconteceu com o latim, por exemplo. Havia em Roma uma forma erudita, a das castas superiores, e um latim vulgar, para uso do povo. Há interferências de um lado para o outro, de uma forma de linguajar para a outra, vasos comunicantes, interferências, interpenetrações e ambos os registos evoluem trocando entre si influências, sendo que o erudito se alimenta do vulgar e este, neste caso, acabou por definir enquanto o do povo deu origem às línguas neo-latinas, mais conhecidas por românicas. No caso, a Igreja

desempenhou um papel definitivamente importante na composição do que é atualmente o português, moldou o que se foi dizendo, disse o que podia ser dito e não disse o que não podia ser dito.

A vida coletiva, social, precisa de ser atizada pela celebração e daí influenciar a exterioridade do sujeito. Mas se este não for a soma de todos e mais alguns, se não tiver chama intercambiável, em pouco tempo definha. Portanto, tanto a vida social quando a individual, precisam de ser atizadas, ora com as festas do santo da terra, ora pela relação amorosa. Será que o eremita, no alto da sua transcendência, tem recordações da vida anterior? Será que é ele que está na caverna ou serão todos os outros juntos entre si, por laços certamente fugazes em desamor, quando a existência no nos tempo aperfeiçoa e faz mais sábios, se soubermos encontrar um distinto equilíbrio ao longo dos dias? Mesmo o monge tem a sua comunidade, que obedece a uma regra bem específica. E, na vida social intensa ou no convento, não é a felicidade que está em causa? Não é a felicidade que todos procuramos no nosso caminho mais ou menos estrelado?

VII

Porque tem a antropologia na sexualidade humana um dos seus campos mais brilhantes, quando a filosofia parece, desde sempre, feita, planteada por homens, na sua generalidade cheios de defeitos e, acima de tudo, machistas? O espírito, retido num corpo de formas diferentes, tem dificuldade em compreender a sexualidade, a razão sempre foi inimiga dos sentidos. Mas será mesmo assim? Hedonismo, positivismo lógico, vanguardismo, qual dos movimentos tem razão e qual o papel do intelectual na vida de hoje, nesta sociedade praticamente pós-pandémica? Sim, porque estão em causa as relações, humanas e sociais e o vírus, a doença, alteraram o padrão das relações das pessoas entre si e, por arrasto, a forma de ver a sexualidade e os afetos na tela do quotidiano, que se tornou banal banalizado, em vez de festivo celebrado...

Então, qual o sentido da vida. Ser feliz é descobrir esse sentido? Ou há outra forma mais ou menos designadamente maquinal de extrair sentido para a mente e o coração desta nossa estadia entrecortada pelo tempo? Será o Tempo que nos rouba sentido e, logo, a felicidade? Se fôssemos eternos, seríamos para sempre felizes?

Assim também, esquecer e lembrar são dois dispositivos que fazem parte e propulsionam a ação humana. O que é, então, existencial à acção humana? A fenomenologia da verdade, o facto, a exatidão na relação com o meio, a produção de sentido que o ajuda a progredir no âmbito do espaço social e natural? O que é essencial à acção humana? O facto de a sua alma de estar sempre a grudar no espaço em redor e em diante, ao contrário da patologia que o separa do mundo e erige a razão como detentora da verdade... Seja como fôr, o que é uma existência? O objecto fora dos sentido? Ou apenas a essência transformada em algo que o sujeito apreende e faz relacionar com outros, de modo a efetuar uma cadeia de sentido, sobrevalorizada nuns momentos e noutros transformada em algo absolutamente banal? Precisa o filósofo, para o ser devidamente, de sair de Si, do Ego, para relacionar o Id com as coisas mais diversas da natureza?

VIII

Se o monge não pode ter o Ter, o filósofo pode. Mas o filósofo tende a anular territórios do monge, a ocupá-los, antes e depois de se deixar num pessimismo nihilista que caracteriza muito que nem desconfiam o papel avassalador da depressão e da doença mental, talvez porque nunca tenha passado por crises filosóficas, aquelas crises que fazem crescer e tivessem sempre dado valor apenas aos valores materiais e não ao Estar- Aí heideggeriano. Então, porque é o filósofo tão atreito a depressões e a carregar o peso do mundo? Porque ele se preocupa, o mundo, na sua possibilidade de eternidade, é fruto de antecipada preocupação. Por isso também, felicidade, como se só ele soubesse domar o tempo, inclusivé o Tempo do Outro e nada pedisse em troca senão o reconhecimento do seus escritos e a diatribe filosófica. Mas o filósofo vive no mundo, o monge não, mesmo que possamos ver os conventos como réplicas da sociedade, de uma certa forma de sociedade, onde é feliz, não sei se mais feliz do que o filósofo, iludido pelo consumismo capitalista e alheio às coisas da religião que não seja somente em termos cerimoniais, como que para cumprir um ritual de que logo se livra no andar do quotidiano, no rol banal da sociedade pós-moderna, hiperactiva, hipertextual, onde há muita gente a produzir sobre o mesmo tema, muita gente produzindo sobre os mais variados temas, numa sociedade que corrói a alta por falta de ética, mesmo que quando havia ética ao mesmo tempo ele, por outro lado, não existia. Consegue-se, então, nos dias, a felicidade com falta de ética? O que é na verdade, ser feliz? É como comer uma boa refeição? É obedecer aos autores clássicos, mesmo sabendo que grande parte deles é machista e patriarcal nos seus pensamentos? Daí advém o facto de haver poucas mulheres filósofas, a meu ver.

XIX

A tristeza e a melancolia apossam-se daquele que procura as razões da existência, que não descansa enquanto não gera mais e mais interrogações sobre o real e, depois, mais adiante, percebe que esses sentimentos são próprios de toda e qualquer pessoa e soluciona os problemas, sim, porque a filosofia também responde, não é somente um dado reino das questões, das perguntas, mas também um “reino dos porquês”. Só que leva mais a sério as questões, procurando ver o que está debaixo de um calhau na rua por onde passa, ou seja, plantea as razões últimas do Ser, do estar (aqui e ali), do Pertencer...

Porque é que, então, o Homem se não digna de viver a vida, de ir em avanço, levantando questões para tudo e para nada. Será falta de Deus? Não, quiçá Deus ainda está presente no âmago do interior de muita gente, enquanto a outros nada diz. E, por um lado, fazendo pressão sobre esse momento inaugural, o homem sai impelido para a ação, mesmo sem a reflexão, mesmo sem a meditação, como uma mola face ao real. E, assim, como deve a vida ser vivida? O filósofo conhece as mesmas frustrações do que o homem do senso-comum, mas num sentido mais agudo, pois este facilmente delas se liberta, das afecções da alma, refugiando-se ora na comida, ora na carne, desprezando as coisas do espírito, como se se camuflasse ante o perigo do passar do Tempo. Por outro lado, o lema “mente sã em corpo sã” parece ser, de novo, depois dos gregos e romanos, o lema da civilização moderna, ocidental. E esse *modus vivendi* alastra-se para o resto do mundo, mesmo que a mestre, adestrada pelo consumismo e comunismo orgiástico dos corpos misturados, fuja para cima, para o lado, para fora da realidade. Mas, para compreender este desenquadramento, erige-se a psiquiatria como a mais alta das sabedorias, destronando a filosofia, que na verdade nunca foi rainha numa era da técnica na sociedade ocidental, mesmo que a saúde mental seja o domínio mais desprezado das políticas da saúde...

Estamos, portanto, a todo o momento a ponto de esquecer quem somos, tomando novas penas no nosso espírito e adaptando-o a novas realidade, a uma nova grande realidade que é a Vida do espírito. Sim, a mente é exigente e as pequenas percepções vão contra o ideal religioso da perfeição da mente, não sabendo esta que ela vem com o tempo e as protuberâncias da dúvida delineiam melhor o que é o passado do que uma visão da ideia de Deus, onde tudo, incluindo a paisagem, é perfeito. Deus é tudo? O Todo? Sim, para quem nele acredita e ainda assim em graus diferentes.

O pico da civilização ocidental, a América, é uma realização imagética, colher o risco para esquecer, pois, ser lembrado através do esquecimento, na fundamentação da morte e dos *potsmortem*, como que empreendendo uma saturação visual e conceptual que se vai conseguindo, no plano do real em que o écran é o quase sobrenatural e o que ocupa o espaço da Igreja não é o mesmo do que na Europa, pelo menos em Portugal e Espanha, mas é algo distinto, além no registo diatríbico da mente. Ser americano é, então, ser metafísico. Talvez se encontre lá em cima, mais além, de pois de todas as questões criminais e existenciais, o verdadeiro Deus, Aquele que dá que suar para que também o homem se transforme num deus ou, pelo menos, semi-deus...

Depois, o reino da inveja; o que eu tenho que tu não tens ou vice-versa, o que tu fazer ou sabes e que eu não faço nem sei. De todas as intrigas do espírito a maior é invejar intelectualmente alguém, ou seja, ter inveja da sua representação social, coisa que pode levar a crimes e nefastas e tóxicas relações e, no limite, à violência doméstica e à morte por ciúme.

No fundo, os vícios -o álcool, tabaco, drogas- mantêm-no agarrados ao mundo, a um lócus quadrado, geométrico, espacial, determinado quando amamos demasiado a mulher que se cruzou no nosso caminho e, de certa forma, não precisamos de Deus, dispensamo-LO porque nos sentimos demasiado vivos para sentir precisar de ajuda sobrenatural. Quanto mais conheces os homens, mais conheces Deus. Ele está por toda a parte. Daí a actualidade do panteísmo. “Deus é tudo” -disse-me em pequeno a minha mãe...E a América é testemunho disso mesmo, para Bem e para Mal, um Deus Bahá'i, que aceita todos os profetas como Seres enviados pelo sobrenatural ao serviço do grande Pai.

Assim, também o Bom Deus sente solidão, pois a sua criação, autonomizada pelo carrossel da razão, tomou um rumo contrário do Bem, tomou o seu próprio caminho e ameaça substituí-lo, ocupar os seus próprios territórios espirituais, hoje mentais, nem que seja por zonas sombra ditadas pela parapsicologia, pela telecinese, pelo espiritismo, processos pelos quais o facies espiritual se altera por que está em causa uma nova geografia dos seres e dos fantasmas biográficos, videográficos. Tudo serve para negar Deus, quando o homem não pode jamais sacudir essa ideia porque ele lhe está no seu âmago de humanidade que é e para sempre o há ora abençoar ora perseguir, como faz o Diabo que carrega às suas costas.

Não estará a solução para os males de grande parte das nossas sociedade, a solução para a falta de infelicidade e bem-estar psíquico no excesso de comunicação? Hoje em dia não há reserva, vão, mas é fácil o esquecimento? A obra sugerida por José Mattoso de um autorrr medieval, “A Nuvem do Não-Saber”, no seu texto

“Levantando o Céu”, parece designar aos domínios do humano uma certa quantidade de secretismo de que precisa para se ser feliz. Há pessoas que guardam mais do que outras, povos que são mais reservados do que outros. Ainda assim, nós, portugueses, parecemos andar num regime de oito e oitenta, quando ninguém suporta estar muito tempo num dos dois registos. Estaremos ainda à procura do registo certo para empreender novas descobertas, desta feita as do espírito? O que é feito da Igreja Portuguesa, que continua a esquecer para o nível da crença e da aceitação certos itens bastante mais aceites por uma Igreja mais progressista, como são o casamento dos padres e a ordenação de mulheres? Falo da Igreja Católica. E o que é feito da Igreja de Lisboa? Continua triste, na sombra e disfarçada num âmbito cultural que tem mais de profano e pagão do que propriamente muçulmano em termos de herança. Porque é que ainda, ser-se cristão é sinal de fraqueza de espírito para alguns? Sinal de pobreza de conceitos, sinal de limitada ignorância?

O mundo tornou-se entupido, entubado, como na ponta de um cigarro, de referências e tão pouco valioso quanto o que nos está próximo deixa de nos importar, tanto quanto a ponta do cigarro, lhen de referências, o que está longe importa bem mais do que o cigarro que está feito, quando esse não importa mesmo nada. Portanto, falta empreender pontes metafísicas e na descrença da religião, que é instrumento de subida na escala social para os pobres, vejam-se os executivos americanos, norte e sul americanos, como os portugueses, que não abdicam de reivindicar Deus para os seus propósitos sociais. Do lado, aqueles leigos que, no mínimo, querem se ricos o mais possível em vida, porque em morte não vale a pena, portanto há que marcar este mundo com o selo da sua individualidade, os laicos, os descrentes, a maioria professores universitários, ateus e agnósticos, que nunca conheceram uma experiência metafísica em jovens, ou se em adultos a conheceram, querem por força ver-se livres dela porque tal registo mnemónico atenta com a tua pretensa sanidade de espírito e roubo da noção e do espaço da divindade nas suas vidas. Porque a experiência religiosa sempre é substituída pela experiência do mundo, numa pretensão e protensão de se tornar ele mesmo um Deus instituído, mais ou menos vagabundo, com ou sem igreja física, com ou sem adoradores e fiéis. Veja-se a este respeito as Igrejas evangélicas nos EUA e na América Latina, que substituem a presença das grandes religiões do colonos portugueses, espanhóis e restantes europeus.

Portanto, se o Diabo incomoda muita gente, nos tempos que correr, Deus incomoda muito mais. Ou, no mínimo, a ideia de Bem, do que é Justo, ou do que é normal. Veja-se a este propósito a violência doméstica, autêntica chaga social, a par da pedofilia e da violação de mulheres, que nos faz pensar seriamente, eu diria filosoficamente, qual é a família que queremos ter. Os direitos da minorias erigiram-se como bandeira da civilização em termos de direitos humanos, ao ponto de serem as minorias quem governa os povos. Isso não é demasiado capricho? O os ditos

normais? E aqueles que são normais não o sendo? E aqueles que não são normais se bem que o sendo? Onde está o estalar dos critérios está assim o progresso do espírito humano, que anda de um lado para o outro, fazendo sentido, entrecortado com o pensamento dos fundilhos como que mergulhando num mar de compreensão do que há de mais imenso no universo, ou seja, a humana natureza.

XXII

A epidemia tornou a sociedade mais monástica, portanto, não nos seus hábitos, mas nas suas relações, não atemorizadas por um Deus perigoso e temerário, mas com elas mesmas e fez salientar o mínimo denominador comum, sermos humanos. Quando a sonda “Perseverance” aterra na superfície de Marte fazemos um ano de confinamento, com algumas exceções. Foi a prática das relações sociais que se alterou com esta pandemia, ou seja, temos de dar conta até ao Estado do estado da nossa saúde, que se tornou o assunto mais importante, à medida que o futebol profissional, de tanta fartura, se alastrou ao sexo feminino.

As relações demasiado socialmente abertas são proibidas, sob pretexto de multa ou do contágio, para se sair de casa é preciso justificação, pode-se trabalhar mas em regime de teletrabalho, em casa. E, entretanto, os números começam a baixar e começa-se, depois de um ano e vários falsos alarmes, a ver a luz ao fundo do túnel, oxalá não venha atrás dela uma nova vaga. Para muitos, a solidão pesa e as doenças mentais disparam, pois sempre defendeu a psiquiatria cá do burgo que estar muito tempo em casa fazia mal à saúde mental, era preciso dar um passeio, nem que fosse com o cão, ir ao cinema, socializar, que é o melhor remédio para uma doença como a solidão e outras mais algumas mentais.

Sim, o Covid pode ir embora em breve. Mas não nos iludamos. O veneno anda aí e está no âmago de todos nós nas relações sociais. Esse é o verdadeiro veneno que, quando despertado dos nossos corações, mais mal faz à nossa sociedade e quanto mais se alastra, seja sob a forma económica seja sob a forma psíquica ou informática, causa enorme dano. É o vírus da intolerância e da mesquinhez, mas também do espírito de burgo em vez de espírito cosmopolita e do vírus do cosmopolitanismos em vez da casa ligada ao mundo e aos arredores do coração.

Assim, a vida reconhece-se num determinado espaço, celebrativo, mediático, próprio da discoteca e do *pub*, enquanto a morte é relegada para um plano secundário, por detrás do pano do palco da vida (social). De tanto carimbar na vida, o homem

decerto busca a morte, sob as formas mais insuspeitas, de tanto esconder a morte, acaba esta por explodir-lhe como granada nas mãos, em vez de ser lançada para longe. Mas isso também constitui motivo de notícia. E a questão é a mesma de sempre: que televisão temos? Quem são os programadores? Estará o homem de cultura para sempre condenado à RTP2 ou ao ARTE, se não quiser fazer um *melting pot* de cultura com a sua experiência sedentária de televisão?

O acto de fumar resume o essencial da civilização ocidental, nos seus parcos bons costumes: evito ao máximo fumar, porque sei que me faz mal, como todos os vícios. Mas, estou plantado numa civilização do prazer (e seus descontentamentos), numa civilização hedonista, ainda que democrática; portanto, posso optar por ter prazer e sentir vezes sem conta a necessidade de ter prazer, ainda que a privação desse prazer me traga dor, pela falta dessa substância que o organismo sente. O mesmo se passa com o voyeurismo em termos do porno. Aqueles que o fazem terão princípios morais? Ou seja, cultivar o corpo para fins de espectáculo de prazer é legítimo, mesmo em democracia, digamos assim? Vício, prazer, drogas leves, drogas duras, prostituição. E porque a visita às meninas abranda o desejo de ver sexo? Não é porno apenas e tão somente, um produto maquinal, como autonomia existenciária e alguma unidade porque lucrativa, um produto da sociedade industrial, primeiro, do fazer, e da sociedade ocidental, de teor americano, depois? Confunde-se a liberdade sexual com a liberdade em geral quando não é sequer uma forma de liberdade, melhor, de libertinagem, de rebeldia, bem plasmada em filmes em contracena James Dean, Brad Pitt, Al Pacino, Marlon Brando. É um certo espírito em funcionamento, alheio aos prazeres da religião e do monasticismo. Mas há muito mais entre o porno e o monasticismo, há a vida social e a vontade que anima cumprir uma missão como ser chefe de família. Aliás, é daí que advém o supremo prazer: sermos como que (todos) cientistas sociais, ainda que nem todos demos conta disso por meio de artigos científicos.

XXIII

Assim, o papel do artista não é senão eternizar o momento, torná-lo memorável, celebrativo de uma rave qualquer em Israel, por exemplo. E se a escrita literária é uma arte, o escritor toma as formas da divindade ao criar e não é à toa que se diz que cada livro é um filho. Há quem tenha muitos e seja um big-men, há que tenha apenas dois ou três, mas a coisa não vai sem falar por causa disso, da quantidade. Mas é raro um escrito magro ser prolífico, ainda por cima ignorado e esquecido e que deixa a escrita pela escrita, com bons e maus momentos e em diversos registos. Este é o nosso caso, por isso escrevemos este ensaio nestes tempo pandémicos que obrigação à recolção quase espiritual, mesmo sem corrida em particular e exercício físico em geral.

Assim, o que mais importa nesta Existenz é não tanto o momento presente, o momento que é, mas o momento que vai sendo, num designável dasei heideggeriano que depositamos sobre o instante, sobre a dúvida, e que gerimos num certo adestramento das funções disposicionais do quotidiano, *a-la-mano*.

Lembra-te: se alguém como tu se sente só, há sempre alguém que se sente mais só: Somo um e muitos, há sempre quem tenha tido boas experiências mas no final cai em si e não viveu verdadeiramente a vida. E o viver verdadeiramente a vida não tem que ver com a solidão nem o acasalamento, tem que ver com o abdicar de certas coisas em favor de outras bem mais importante, estás como a componente espiritual que cada um tem em potência e que nem toda a gente desenvolve, como um talento, para o sobrenatural, uma vontade de viver em vez de vontade de poder, alicerçada numa forte vocação para a meditação e a contemplação, sendo que a vida tanto pode dar tudo quanto, noutra momento, tirar tudo, mas a perspectiva espiritual ninguém te a poder roubar, por mais que tente. Celebras a vida pela vida, logo tornas-te monge, pois pesas o teu equilíbrio espiritual e emocional e vês que poderias ter agido de outra forma mas a pressão do momento te levou a abandonar certas pessoas, quando mais tarde até te tornaste demasiado exigente nas relações.

XXIV

Sim, porque com esta epidemia o homem normal ficou retido em casa e os fantasmas da solidão levantaram-se de novo; o artista lá dá a volta e aproveita os tempos mortos da falta de amigos para criar. Contudo, a criação não é reflexo senão da sua situação social e também ele precisa de conviver. O que resulta deste último ano é uma reconfiguração social sem precedentes, como se tivesse sido uma bomba a cair sobre nós ou um novo holocausto, é novo o preço de se terem amigos e até a própria criação ficou instalada para dar lugar à depressão quase crónica.

A inspiração não está, como sempre, no interior do ouvido, mas pode detrás da orelha, num clima exterior ao Ser, no domínio da exterioridade face à inspiração poética. Assim, a beleza não está somente no rosto ou no corpo, está na forma como modelamos a vontade face às exigências ou cedências do meio, físico e social e se por vezes sentimos desespero de estar sós, por vezes sentimos euforia de estarmos apresentáveis e ninguém nos poder ver, sendo que se cortou a visibilidade social com esta gripe que alterou, também sim, a percepção da realidade, sobretudo entre os mais novos, porque os mais maduros estava já habituados a ver a realidade de um modo mais cauteloso, depois da crise da Troika...

É assim que a própria noção de exterioridade que se encontra ameaçada, porque pelo confinamento regressámos a nós mesmos, ao convento, à vida monástica dos primeiros castros da civilização ibérica, ou seja, ao domínio da casa e da conquista de território que empreendemos cada vez que vamos ao supermercado, cada vez que viajamos para o trabalho. Confunde-se, então, o domínio da exterioridade com o da interioridade e já não sabemos ao certo o que é íntimo e o que é público, se é mais íntimo o que é redobradamente público se é o costumeiro privado.

Assim, podemos ver as mónadas enquanto sujeitos individuais com implicações diversas na vida social, ou seja, quando se encontram muito tempo, frequentando suas intimidades, acabam por se reproduzir. Mas também podem encontrar-se um certo longo tempo e não se reproduzirem, reproduzirem outras formas de procriação social,

de reprodução, ao nível das ideias e do espírito, ou seja, entabulando ao seu redor novas formas de sociabilidade que reproduzem em autómatos e robôs e que simulam o rol de relações sociais, forjadas na coadunação com o meio ambiente social e ambiental. O insucesso social vem, na grande parte das vezes, na incapacidade de ter paciência ao que acontece em termos de fenómenos sociais, de fenómenos profissionais e advém na ânsia e na precipitação face ao que se faz e cuja representatividade por ser maior ou menos. Como de resto nas relações amorosas. Paciência é o que se pede quando queres vencer socialmente, artisticamente, porque o teu perfil e representação social vem com o tempo, normalmente associados a ciclos da idade e o que é assim hoje pode ser assado amanhã.

A alma humana, a partir de certo momento, de certo estágio, não é senão seletividade, só faz e pensa o que lhe apraz, o que é próprio do seu reduto. Muitos artistas tentam captar a alma humana, algo comum a todos ou então algo de siingularmente belo que precisa de destaque para a posteridade, postergado para a posteridade. Enquanto uns o tentam fazer pela música, pela literatura, outros creêm que tal tarefa se faz pelo cinema, pela ópera, pelo multimedia. A alma humana se pode captar por um suspiro de vida e actividade, outro acreditam que será no longo termo ou então pela religião, com mais ou menos trabalho. Esta procura está sobremaneira associada à veneração do Belo, a uma ideia de perfectibilidade na articulação da mente com o corpo. Por isso, outros vêem o crisol da alma humana no desporto e não se diz muito mais, ou na era da técnica, no carros de velocidade ou de recreio, outros adaptados à vida quotidiana e ao trabalho, normalmente em contexto citadino.

Assim, a filosofia é do regime noturno e a arte do regime diurno, enquanto uns celebram, outra trabalhar para si através da arte e esta nada é, como a filosofia, nada sem o reconhecimento social, quanto mais não seja para prosseguir fazendo o mesmo, arte ou filosofia. Mas a filosofia, ao contrário da literatura, é uma pretensa evidência, um tornar evidente, do processo criativo, daí a sua singular vocação de destrinçamento entre o que é humano e o que é transcendente. Nessa medida, cumpre uma função e é também uma técnica, não só do viver, mas também do ler, ler o mundo e as possibilidades de evidência de novo do que é velho e encarquilhado. Deste modo, é em última instância, uma forma de sabedoria não exclusivista porque aberta às mais varias expectativas do Ser, do Existir, do Pertencer.

O filósofo não vive no momento, deixa passar o momento nos e dos outros e quer surfar no transcendente, habitar o momento que já foi, já passou, para o ressuscitar para o já, o agora, por um lado e no ali, em termos de futura. Daí a sua íntima relação com o Tempo, que tenta domar, sim, o filósofo é, antes de mais, um domador do

tempo, quando o antropólogo o relaciona com o mundo social e cultural e deixa a burocracia e a política para o sociólogo e outros...

O local e o global provêm da geografia humana e da história, das viagens e descobertas dos navegadores, e a filosofia torna o próximo distante e o distante próximo, mesmo geograficamente, pois é uma arte de relativizar, tal como a antropologia, que torna estranho o que é próximo e próximo o que é distante. O resto é política e governança, ou seja, forma politicamente correta de ordenar sujeitos arquitetonicamente num determinado espaço quando estão adstritos a um determinado tempo.

Assim, a prática advém de uma certa forma de economia inscrita no Tempo, ao mesmo tempo que abdica do transcendente, que é sempre recusa de um momento presente, ela inscreve-se na história, pessoa e social, qualquer coisa que é do âmbito de uma experiência que não se regista, ou seja, há um hiato, em certas sociedade, entre o saber letrado e o iletrado, enquanto o letrado põe tudo em causa, o iletrado destina-se e provém de um instinto de conservação de um grupo, de um modo de vida. É a relação entre estas duas formas de estar perante a realidade que me interessa cientificamente, filosoficamente.

Assim, a eroticidade das relações tem que vem com um maior ou menor investimento no mundo, das coisas do mundo, que só se podem ver ao longe, assim como um investimento em antropologia tem que vem com as coisas e as relações entre as coisas e as pessoas, em contextos os mais diversificados com o fim de erigir a teoria com que os outros, artistas ou técnicos, vão compreender um mundo onde na maior parte dos casos andam cegos e nem todos o sabem vislumbrar corretamente nas suas mais diversas formas e questiúnculas de desenrolar aos olhos, aos sentidos. Depois, a filosofia tem que ver com o transcendente, não elidindo a teologia, que de certa maneira é aquele que está mais próxima da filosofia. Uma filosofia do saber, que possa ser transmitida e até dada, ofertada ao género humano para que o homem compreende aquilo que mais enigmas plantea, precisamente, não tanto o Deus, mas ele mesmo...

Porque o tempo urge e faz falta fazer algo de importante com a vida e, ao contrário do que possa parecer, nesse capítulo a filosofia tem um papel fulcral, não para complicar, mas assentar tijolo no edifício das ciências humanas. Filosofia é o eco mais fundo da existência, um apelo do homem que sofre e que quer ver a vida para a frente, ainda que sua percepção seja e se constitua em termos de um saber periférico, ou seja, o filósofo é jogado e julgado no seu reduto existenciário e suas palavras transformam e incendeia um mundo já de si ôco e triste, dando enchimento, preenchimento, às vidas vazias da cultura, normalmente atidas em certos papéis sociais, constituindo-se enquanto edifício que questiona o Outro sem o julgar, avançando nas palavras, envolto numa lógica que não é sequer do homem, não é humana, mas talvez seja até mais marciana do que os astronautas que para lá serão mandados, ou ser, ter em conta o Outro e dar à antropologia o papel que ele provavelmente nunca teve na filosofia, o de fio de ligação entre as mónadas explicativas com discurso e comportamento humano.

Assim, o saber, filosófico ou as ciências sociais, precisa, como se fosse esponja, o mais antigo ser vivo, que habita no fundo do mar, de ser apertado em função do mundo, para que se espraie e frutifique, com o devido estrume da acção humana, para o mundo social numa perspectiva de compreensão do homem nas suas actividades e no seu pensar e lógicas, para que deixe por fim de ser um saber pobre, marginalizado e ostracizado e se torne no centro da reflexão actual sobre a condição do Ser, relativizando o saber do senso-comum, que é sempre um saber profissionalizado, que legitima lógicas do aqui e agora, normalmente por gentes mais ou menos mónadas que nunca erigem a reflexão como centro das suas vidas.

É claro que a filosofia não interessa ao mundo. Tão pouco a antropologia e a sociologia. Elas constituem-se como opositores ao rolar e rubor do mundo e só intervêm de quando em vez e em Portugal estão adstritas às academias. Claro que isto, esta questão, obedece a modas, a tempos de maior ou menos interesse. A meu ver, a filosofia deveria constituir-se, depois da experiência da pandemia, porque é o mundo enquanto vontade e representação que dita as suas leis, constituir-se como ciência social. Porque o cerne do que é ser humano não está em Si (Mesmo), mas na relação, na sua tensão e intenção para com o Outro. É isso, a meu ver, que define o homem. Mesmo com a maior das aventuras, a estela, a galáctica, o que o homem procura é responder a essa essencial questão ante a imensidão do universo: estaremos sós?...

XXVII

Assim, o reino do Pertencer, ao invés do reino da percepção, é algo anterior ao próprio destino do Homem e que o define, tal como o Ser, ele está adstrito ao Parecer, ou seja, vislumbrando o espaço entre real monádico e representação social, há um espaço de habitabilidade onde o homem passa mais tempo consigo mesmo e é mesmo uma memória do Pertencer, da relação com o Outro, que o define enquanto Ser.

Mas nem todos praticam filosofia, nem todos distribuem pão pelas aldeias, daí a ideia de complementaridade, de que é preciso de tudo um pouco, nem todos se sujeitam a ser troçados pelos seus próprios familiares, não tendo trabalho, como filósofos ou não. O Ser humano é oportunista e interesseiro por natureza e foge à dependência, seja ela económica seja estritamente física, laboral. Mas isso não implica que deixem de apostar nos laços, essencialmente naqueles que lhe dão vantagens de várias ordens. Também na academia há dependências na luta pelo capital simbólico que é que escreve melhor, que fala e pensa melhor. É o domínio da competição, ainda que muitos façam as suas actividades sózinhos. Assim, o filósofo desempregado ou reformado, está sempre sujeito à crítica dos outros (“faz o mesmo”, “desenrasca-te”, mesmo da parte dos miúdos, sempre sujeito a crítica e não consegui ainda compreender porquê, talvez por um desfasamento que ele tem ao momento de agora, no presente, ou pela falta de solidariedade e espírito de companheirismo dos filósofos cá do burgo. Ou, se calhar, porque é preciso outra filosofia, mais atenta às relações sociais de poder, num mundo competitivo do qual nem o filósofo tem, como o religioso, fuga, porque antes de Ser, seja aí, seja acolá, ele está sob o afã do Pertencer, ele faz parte e por isso responde ante os seus, sejam, superiores sejam inferiores.